

TEATRO DO OPRIMIDO NA COMUNIDADE: UMA EXPERIÊNCIA NA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA (APAJAD)

GEOVANNA SOBRINHO¹; FABIANE TEJADA²

¹Universidade Federal de Pelotas – geosobrinho2004@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – tejadafabiane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade (TOCO), foi criado em 2010 por um grupo de estudantes do Curso de Teatro-Licenciatura da UFPel, com coordenação da professora Fabiane Tejada. O objetivo do projeto era promover a inserção social de estudantes na comunidade através de atividades teatrais, contribuindo com os estudos sobre a necessidade de transformação social através do fazer teatral. A iniciativa surgiu do desejo de se desenvolver na prática os conhecimentos adquiridos na disciplina de Pedagogia do Teatro III, que tem como foco o trabalho de Teatro do Oprimido, sistematizado por BOAL, Augusto (1977), dramaturgo e diretor brasileiro.

Boal, influenciado pela Pedagogia do Oprimido de seu contemporâneo FREIRE, Paulo (2011), desenvolveu uma abordagem teatral baseada na educação libertadora, no diálogo e na participação ativa do público. Para além de espectadores, os participantes se tornam espect-atores, ou seja, atores que, por meio da metodologia de Boal, participam ativamente do processo teatral. Essa metodologia visa promover diálogos sobre as opressões vividas por diversos grupos e comunidades.

O TOCO propõe estabelecer parcerias com comunidades na cidade de Pelotas, levando o teatro acessível a diferentes públicos. A dinâmica consiste em montar cenas que retratam opressões, convidando os espectadores a intervir e buscar soluções para as questões apresentadas.

Desde 2022, o projeto tem se desenvolvido na Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência (APAJAD). Fundada em 2014, a organização desenvolve ações voltadas para jovens e adultos com deficiência acima de 24 anos, composta por mães, pais e apoiadores da comunidade. Através de oficinas, busca-se incentivar a criatividade, a autonomia e o bem-estar dos participantes, promovendo a inclusão social.

Este trabalho, elaborado a partir dos encontros do projeto TOCO e do componente curricular (disciplina) de Extensão, Teatro e Comunidade, que promove o contato entre estudantes de Teatro e trabalhos de extensão em escolas e comunidades de Pelotas e região, apresenta um relato das experiências vividas pela aluna Geovanna Sobrinho, que ministra oficinas na APAJAD. A discussão aborda a presença de pessoas com deficiência na arte da cena, os desafios enfrentados e os processos envolvidos. Geovanna ingressou no TOCO em 2024, durante a disciplina de Pedagogia do Teatro III, aprofundando seus estudos sobre Boal, e, a partir de 2025, passou a ministrar os encontros na APAJAD e no CAPS Baronesa.

2. METODOLOGIA

Apoiados principalmente nos autores brasileiros Augusto Boal e Paulo Freire, nos reunimos semanalmente, “tocomanos e tocominas”, como carinhosamente chamamos os ministrantes do projeto TOCO, e a coordenadora, para discutimos sobre o andamento das oficinas na APAJAD, no CAPS Baronesa, e na nossa recente comunidade parceira, o Desafio Pré-Universitário Popular, ministrado pelo colega, estudante do Curso de História, Vitor Kickhofel. Planejamos e avaliamos as atividades que levaremos para os encontros. Utilizamos na maioria das oficinas jogos e improvisações do livro Jogos para Atores e Não-Atores, de Augusto Boal (1997).

Os encontros na APAJAD acontecem todas às quartas-feiras das 14:00 até às 15:30, horário em que os alunos chegam à sede da associação, localizada na rua Álvaro Chaves, 77, no bairro Porto, ao lado do Bloco 2 do Centro de Artes. Ao chegar, todos se dirigem até seus armários e guardam suas mochilas e lancheiras. Alguns fazem uso de cadeiras de roda, e é necessário o transporte da APAJAD para que cheguem até o local. Parte essencial da oficina é o momento de cumprimentar individualmente cada um dos alunos, saber como estão naquele dia, se estão animados, tristes, cansados. Certa vez foi perguntado a uma das alunas o motivo de estar cabisbaixa e ela respondeu “eu caí”, perguntamos “quando você caiu?”, e ela “semana passada”, porém ainda estava chateada, e após o começo da oficina, logo se animou e passou a jogar com os colegas. Começamos com um alongamento leve, com foco principal nas articulações dos pés e das mãos. O alongamento é pensado para que todos consigam fazer as atividades, independente de suas limitações físicas. Na turma da APAJAD de quarta-feira, não temos nenhum aluno sem o movimento total das pernas ou braços, isso nos possibilita fazer alongamentos que utilizem estes membros, mesmo que nas cadeiras de rodas. Nos aquecemos com jogos divertidos, como o “Jogo do Espelho”, onde são formadas duplas, que se posicionam de frente um do outro e imitam os movimentos uns dos outros, como um espelho. Nesse momento, a ajuda das monitoras da APAJAD é essencial, Estefânia Konrad, Luise Marcolin e Mélani Matozo trabalham semanalmente com a turma, e os conhecem muito bem, elas montam as duplas a partir da afinidade dos alunos, assim garantem que todos estejam confortáveis para o andamento da atividade.

Notamos o interesse dos participantes pela música, pelo cantar e o dançar, o que aumenta sua concentração, principalmente para aqueles que fazem do som uma forma de se regular dos hiper estímulos, como no caso dos alunos autistas. Atividades como Teatro-Imagem, clássico do Teatro do Oprimido, são sempre muito bem-vindas. Levamos uma imagem pré-selecionada e montamos com os alunos, ou levamos objetos cênicos interessantes, como uma boina vermelha, avental vermelho, telefone vermelho, buque de flores etc., e montamos alguma cena-imagem a partir dos objetos. Usamos o telefone vermelho para a montagem

de uma cena de fofoca, o que deixou os alunos muito animados com o tema. Uma das alunas se posicionou sentada com o telefone no colo, como quem conta um segredo para a pessoa do outro lado da linha, e os demais se posicionaram mais distantes, ouvindo sua conversa.

Avaliamos o desenvolvimento através de uma conversa em roda ao final do encontro, recapitulamos o que foi feito, e o que foi entendido. Ouvimos os alunos e o que acharam.

Uma espécie de ritual que temos, são os “Presentes”, dinâmica criada por antigas ministrantes do TOCO, e que mantemos até os dias atuais. Se trata da finalização do encontro onde imaginamos uma grande caixa no centro da sala, cheia de presentes, e um a um vai até essa caixa e escolhe um presente e uma pessoa para entregar. Vários dos alunos são pessoas não-verbais, então fazemos perguntas como “você quer entregar seu presente para fulano (e dizemos o nome de algum dos alunos que ainda não foi presenteado)?” Esta pessoa acena com a cabeça, sim ou não. A verbalização não é uma barreira para o TOCO na APAJAD. Os presentes são variados, podem ser coisas mais abstratas como: amor, abraço, felicidade, amizade. Ou mais “concretas” como: Uma picape da marca Mitsubishi, chocolate, roupas etc. Os presentes são uma forma divertida de terminar o encontro onde todos tem sua individualidade respeitada, seu momento de “tomar o foco”.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O TOCO na APAJAD observa seu impacto de forma não tão convencional, isso partindo do princípio em que parte dos alunos não se comunica através da fala, mas por muitas outras formas, como o gesto, o sorriso, e principalmente o olhar. Vivemos em uma sociedade “verborrágica”, usamos a fala para nos comunicar o tempo todo, e assim como outros grupos sociais marginalizados, as pessoas com deficiência encontram dificuldades sociais para fazer amigos e se comunicar da forma que conhecem e podem, e através do trabalho do TOCO, há esse momento de integração entre os alunos, que criaram fortes laços de amizade para além do verbalizado. Observamos que vários deles tinham costume de se esconder para não participar das oficinas, e apenas observar, e com tempo e respeitando seus limites, passaram a integrar os encontros, participando também das atividades. Socialmente, pessoas sem deficiência tem a tendência de olhar para pessoas adultas com deficiência com uma ótica infantilizada, por não seguirem as normas e padrões sociais do que é ser um adulto, e isto é uma visão equivocada, pois pessoas adultas com deficiência passam por questões muito parecidas com a de pessoas sem deficiência, também se apaixonam, também criam fortes laços, também tem antipatias, invejas, desejos e complexidades, assim como gostos e preferências, e são características que fluem muito além das questões que “faltam” aos deficientes comparados aos corpos que entendemos como socialmente aceitos.

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto de extensão Teatro do Oprimido na Comunidade na Associação de Pais e Amigos de Jovens e Adultos com Deficiência, é uma parceria que traz conhecimento e experiências para ambos os grupos. Os alunos ministrantes do

projeto desenvolvem um olhar mais sensível a questões desse grupo social marginalizado, que é o das pessoas com deficiência e os alunos das oficinas da associação são apresentados ao fazer teatral. Assim,icineiros e alunos questionam a própria visão sobre a sociedade, sobre as possibilidades dos corpos com e sem deficiência, incentivando a autonomia dos participantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. São Paulo, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 50. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2011.